

AS ORIGENS DA MÚSICA PUNK E O SURGIMENTO DE UM NOVO ESTILO

The origins of punk music and the emergence of a new style

Regina Rossetti¹
David Santoro Junior²

Resumo

Este artigo trata do surgimento da música Punk apoiada no rock, em particular da banda Sex Pistols, bem como, da chegada do punk no Brasil, em um contexto político específico, e seu desenvolvimento musical. A metodologia envolveu revisão bibliográfica e pesquisa documental. O resultado destaca que o novo estilo contestador do punk foi absorvido pela cultura contemporânea.

Palavras-chave: música punk; estilo punk; comunicação

Abstract

This article deals with the emergence of Punk music resting on rock, in particular the band Sex Pistols as well as the arrival of punk in Brazil, in a specific political context, and his musical development. The methodology involved a literature review and documentary research. The result highlights the new challenger punk style was absorbed by contemporary culture.

Keywords: punk music; punk stile; communication.

Introdução

O *Punk não morreu*, é uma frase que estampou muitas camisetas nos anos 80, ela é uma resposta à aqueles que achavam que o movimento era apenas uma onda passageira. Os punks utilizam esta mensagem para mostrar a sociedade que eles acreditavam em seus ideais, e que somente aqueles que se envolveram como uma “curtição” o abandonaram e adotaram uma nova tendência.

Muitas bandas punks originais aceitam o jogo e se vendem às gravadoras. Bandas como Generation X e Damned são consideradas traidoras do movimento. Os punks não querem saber mais delas. (BIVAR, 2001, p.76)

Para Bivar (2001), o *rock* sempre mudou paradigmas culturais, sociais e políticos. O punk foi uma revolução apoiada no rock que afrontou e alterou o sistema dominante, que o rotulou como uma moda. Para diminuir o impacto do seu surgimento que poderia levar a sociedade ao questionamento e discussão de assuntos que poderiam resultar em mudanças indesejadas, a discoteca foi utilizada para desviar a atenção das pessoas, que ficaram envolvidas com esta cultura passageira.

Para Caiafa (1985), pós a grande repercussão de seu surgimento, no final dos anos 70 na Inglaterra, o *punk* se reinventou e com isto surgiram novas bandas expressivas como a americana *Dead Kennedys* e *Exploited* que revigoraram o estilo, que influenciou vertentes como: o *pop*, o *rock* gótico, o *hardcore*, e o *heavy metal*, que era um estilo ao qual o punk se opunha. No Brasil o ápice do movimento ocorreu nos meados dos anos 80, Cólera, Garotos podres e Ratos de Porão, ainda hoje, são tidas como referência para o estilo mundial. Para Bivar (2001), no final dos anos 90 apareceu uma nova geração do *punk-rock* com o trabalho de bandas como Green Day e *Offspring*, que influenciou outras menos expressivas, e até deu origem ao tão contestado *emocore*. Nesta fase, no Brasil as bandas influenciadas pelo *punk* foram: Chico Science e a Nação Zumbi e os Raimundos, que trazia no nome uma homenagem aos nova iorquinos *Ramones*.

A sonoridade distorcida dos três acordes mostrava descontentamento, atualmente, uma banda como o Restart, que possui a temática romântica, é mais barulhenta que qualquer outra banda *punk* dos primórdios. Isto é decorrente da apropriação do estilo por uma cultura social que transforma, inova e gera a partir de algo original um produto, uma moda, ou um estilo de expressão para atender uma demanda comercial.

A apropriação de um estilo para torná-lo comercialmente aceito, não é recente. O *punk* foi

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul - USCS. Doutora em Filosofia pela USP com pós-doutoramento pela mesma universidade.

² Mestrando em Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul - USCS.

apropriado desde o seu surgimento. Segundo *Alan G. Parker* e *Mick O'Shea*, expoentes expressivos como os *Sex Pistols* e *The Clash*, foram incorporados pela indústria musical inglesa. No Brasil, representantes como a *Plebe Rude*, *Legião Urbana* e *Camisa de Vênus*, foram explorados comercialmente, estes artistas tiveram trabalhos honestos, mas foram contratados e promovidos pelas gravadoras. Outros apostaram no circuito alternativo, que foram os casos do *Cólera*, *Garotos Podres* e *Ratos de Porão*, por esta escolha foram autênticos, porém a grande exposição desta cultura devido aqueles que escolheram as grandes gravadoras, no final da década de 90, mesmo os alternativos perderam espaço na mídia porque o discurso apresentado estava saturado.

Segundo o gráfico *100 years of rock*, os gêneros musicais são datados de forma semelhante a empregada na literatura, os principais estilos de rock dos anos sessenta eram o *blues-rock*, *hard-rock*, *garage-rock* e o psicodélico, que tinha como característica os experimentos produzidos com instrumentos, no Brasil, Os Mutantes, que são reconhecidos como um dos principais nomes do psicodelismo mundial. É difícil classificar uma banda dentro de um estilo, porque mesmo quando há uma predominância, há influência outras. *The Doors* é um exemplo do *blues rock*, *Mamas and Papas* é um exemplo do *garage rock*, *The Who* e *Grand Funk* são exemplos do *hard-rock* com influências do *rock-blues*, porém, todas experimentaram o psicodelismo.

Segundo o gráfico *100 years of rock*, nos anos setenta o rock psicodélico transformou-se no progressivo, com bandas como *Pink Floyd* e *Yes*; o *blues-rock* deu origem ao heavy metal, que ficou conhecido como o rock pauleira com bandas como *Led Zeppelin* e *Deep Purple*, o heavy metal tinha como temática de mistério, bruxaria e até mesmo satanismo, com bandas como *Black Sabbath* e *Judas Priest*. O *hard-rock* dos anos setenta era influenciado pelo heavy metal, porém as temáticas eram as farras adolescentes e mulheres, os exemplos para este estilo são o *ACDC* e *Aerosmith*. No final dos anos oitenta, todas vertentes estavam difundidas na cultura musical, o que refletiu no trabalho dos artistas que surgiram a partir de então, as bandas passaram a ter um estilo evidente, mas com outras influências, é o caso do *Guns and Roses*, que prevalecia como uma banda de *hardrock*, mas possuía influências do *punk*, outras como o *Type O Negative*, evidenciava o estilo *heavy metal*, mas tinha influência do *punk* e do rock gótico.

O *punk-rock* originou-se do *garage-rock*, caracterizado pelo prazer em tocar e a simplicidade. Segundo O'Hara, o *punk* se opôs aos estilo psicodélico,

progressivo, heavy metal e hardrock, porque todos estes eram adotados por bons músicos, que eram virtuosos e dominavam seus instrumentos tecnicamente. Da mesma forma que o estilo *punk* foi incorporado aos diversos estilos musicais após o seu surgimento, as demais formas de expressão do *punk* também foram aderidas pela cultura da sociedade e pela indústria que foi influenciada pelo estilo para produzir produtos de consumo diversos.

Segundo Bivar (2001), o *punk* influenciou o cenário musical, e após a sua explosão mundial, os estilos derivados do *punk*, ficaram conhecidos como *pós-punk*, que incluíam artistas que iniciaram seus trabalhos com o movimento, mas deram continuidade com outras influências. Nos anos seguintes o estilo ficou incorporado a cultura, e tornou-se uma das influências das diversas formas de expressão artística ou comercial.

Para Caiafa (1985), a primeira geração *punk* atualmente é chamada de *punk 77*, a segunda iniciou-se nos anos 80 é mais engajada política e socialmente, bandas como *Dead Kennedys* transformaram simples roqueiros em indivíduos ativos nas questões sociais. O ativismo político e artístico de *Jello Biafra*, esta registrado no site de sua gravadora independente: *Alternative Tentacles*, em 1979 ele foi candidato a prefeito de São Francisco e entre 10 candidatos, ficou em quarto lugar, o motivo que o levou a concorrer, seria provar que a eleição em São Francisco era uma batalha entre diferentes setores da direita, os votos que recebeu representam a parcela consciente da população em relação à política.

Segundo O'Hara (2005), a Banda europeia *Crass*, fazia campanha contra o desarmamento nuclear nos anos 80, no Brasil o *Cólera* possuía pregava o pacifismo, que foi abordado no álbum *Pela Paz em Todo Mundo* de 1986. Bandas como *Crass* e *Cólera* quebraram o paradigma de que lutar pela paz fosse coisa de *Hippie*, para o *punk*, ser pacífico não significa ser passivo, o *punk* luta se for preciso, mas não força ninguém à acreditar em algo, promove o diálogo e acredita que a evolução ocorrerá pela educação.

Bandas *pós-punk*, mantém viva a questão social, o *U2*, banda irlandesa, possuía um discurso pacifista que sugeria o diálogo para o desarmamento nuclear, em 1995 com Luciano Pavarotti, o *U2* gravou a canção *Miss Sarajevo*, sob o pseudônimo "*The Passenger*" para levantar fundos para os refugiados da guerra na Bósnia. Em 1990 o *Simple Minds*, banda escocesa gravou *Mandela Day*, para que o mundo olhasse para a África do Sul e seus conflitos raciais, e que, Nelson Mandela fosse libertado. O Álbum *Meat is Muder*, da banda *The Smiths*, chama atenção para o abate de animais como assassinato.

A banda Sex Pistols

Segundo Alan G. Parker e Mick O'Shea, (PARKER; O'SHEA, 2012), antes de ser empresário dos *Sex Pistols*, Malcom MacLaren foi estudante de artes e design gráfico, formou-se em artes plásticas e com sua esposa Viviane empreenderam uma loja de roupas na qual nenhuma peça estava a venda, o seu estabelecimento divulgava o conceito de moda politicamente de esquerda, que era refletido nas peças que ambos produziam com couro, taxas e metais, assim, o visual punk nascia muito antes do rótulo existir. Em 1971, Viviane cortou seus cabelos e com gel os deixou espetados, ela foi a primeira londrina a utilizar um corte que mais tarde ficaria conhecido como símbolo do punk e o seu penteado influenciou David Bowie ao criar o personagem Ziggy Stardust.

Malcom foi um grande divulgador da cultura punk e viu nela uma grande oportunidade comercial. No início dos anos 70 ele possuía uma loja de roupas para jovens chamada *Let It Rock*, e nela ele contatou a banda *New York Dolls*, que possuía um visual que era uma mistura do glitter com o sadomasoquismo, que o agradou muito. Ele torna-se empresário da banda e viaja com eles para Nova Iorque, lá percebe que o estilo dos *Dolls* era ultrapassado e resolve deixar o negócio, em sua volta ele decide montar uma banda seguindo os padrões de que a atitude valeria mais que o som.

Segundo Alan G. Parker e Mick O'Shea (2012), em 1974 Steve Jones montou a banda *Swankers* e pediu que Malcom fosse o empresário da Banda que viria a ser o embrião dos *Sex Pistols*. A formação contava com cinco integrantes, que eram: Warnick Wally na guitarra, Steve Jones guitarra e vocal, Glem Matlock no baixo e Paul Cook na bateria. Após algumas apresentações e com o retorno de Malcom que viajara a Nova Iorque e trazia as tendências que ele conheceu no clube CBGB's, com as apresentações dos Ramones, Talking Heads e Blondie, ele propôs algumas alterações na banda, que foram: a dispensa de Warnick Wally, com isto Steve deixou os vocais para se dedicar somente à guitarra, Glem manteve-se no baixo e Paul Cook na bateria, faltava então um cantor, que para Malcom deveria ser Richard Hell, que tocava baixo no Television, e já usava roupas rasgadas com alfinetes, com a negativa de Richard, Jhon Lydon ocupou a vaga, e o visual de seu personagem Johnny Rotten foi inspirado no modo de vestir de Richard.

Jhon Lydon conheceu Simon Jhon Beverley, que ficou conhecido como Sid Vicious, no colégio Hackney Technical College, o gosto pela moda, a afinidade musical, e a admiração por David Bowie e Roxy os uniu. Ambos

eram conhecidos como Jhon, o apelido Sid Vicious (Sid Furioso), originou-se porque Beverley foi atacado pelo Hamster de Lydon, e também por uma homenagem à Sid Barret do Pink Floyd, a homenagem é um paradoxo, pois Jhon Lydon costumava usar uma camiseta com a frase: Eu odeio o Pink Floyd. Ambos frequentavam a loja Sex, quando Vivian sugeriu a Glem Matlock fazer um teste de vocal com Jhon, ele referia-se a Sid, porém a confusão feita por Glem, fez de Lydon o líder dos Sex Pistols.

Também foi nesta fase que a mudança de nome do seu homem de frente para Jhonny Rotten tomou lugar, por conta de Jhon tossir constantemente muco e catarro uma sequela do ataque de meningite de sua infância – e de seus molares de nicotina terrivelmente negligenciados. O nome pegou, para desgosto de Jhon, e Steve mal poderia imaginar que sua observação cortante sobre a indiferença de Jhon à higiene bucal se tornaria um dos nomes mais emblemáticos do rock. (PARKER; O'SHEA, 2012, p.69)

Glem Matlock era o membro criativo da banda, e as bases das principais composições do primeiro álbum dos Sex Pistols eram frutos do seu talento e conhecimento musical, porém o relacionamento complicado com Jhon Lydon fez com que ele deixasse a banda para ser substituído por Sid Vicious, que era amigo de Lydon.

No DVD *Never Mind the Sex Pistols*, de 2007, Steve reconheceu que ele e Paul Cook deveriam ter apoiado e mantido Glem na banda, pois as suas criações melódicas eram perfeitas para acompanhar as letras de Jhon Lydon, após a sua saída a banda perdeu seu poder de criação e desenvolveu apenas duas músicas.

Segundo Alan G. Parker e Mick O'Shea (2012), Malcom possuía habilidades empresárias, conhecia o poder dos meios de comunicação, era criativo no planejamento de suas estratégias de marketing, conhecia o seu público, e sabia o que eles procuravam, gostavam e consumiam. Com o domínio destas ferramentas, e com o conhecimento da tendências da época, ele transformava as confusões, brigas, bebedeiras e até mesmo o uso de drogas dos integrantes da banda em notícias que favoreciam e promoviam o grupo. Para justificar a saída de Glem ele enviou um telegrama ao editor Derek James do NME (*New Music Express*), um influente semanário inglês sobre música, que alegava que Glem havia sido demitido porque gostava dos Beatles.

Os Sex Pistols foram contratados pela gravadora A&M, a mesma gravadora de artistas como: *The Carpenters*, *Supertramp* e *Rick Wakeman*. Porém, o contrato foi rompido devido ao comportamento inconveniente da banda com os demais artistas e funcionários. Para que a

demissão tornasse algo positivo, Malcom baseou-se no princípio punk, de que, o novo seria construído com a desconstrução do velho, e enfrentaria resistência, ele disse à imprensa que a banda foi expulsa da gravadora por causa de um movimento liderado por Rick Wakeman que exigia a saída do grupo, ele transformou o fato em um confronto entre o novo que era representado pelos Sex Pistols, com o velho, que estava representado por artistas tradicionais.

A Virgin contratou os Sex Pistols e viabilizou o plano de Malcom de lançar o single: God Save de Queen, no mês em que a Rainha Elizabeth comemorava o seu jubileu de prata, o lançamento vendeu 150 mil cópias e chegou ao segundo lugar nas paradas britânicas, pela crítica o álbum foi elogiado, dez anos após o seu lançamento ele foi proclamado como o trabalho mais influente nos 20 anos anteriores, o primeiro lugar ficou para o Sgt. Peper's dos Beatles.

A Virgin investiu 40 mil libras em uma campanha publicitária para o lançamento do álbum *Never Mind the Bollocks*, porém os anúncios foram banidos pela ITCA (Associação das Companhias Independentes de Televisão), por considerarem a capa do álbum ofensiva por causa da palavra Bollocks. Restou a gravadora procurar meios alternativos para a divulgação, que foi por exemplo lotar as lojas da gravadora com a capa do disco, e também colocar anúncios nos jornais com a chamada: O Álbum fica, a capa talvez não.

Na língua inglesa a palavra *Bollocks*, coloquialmente é associado aos testículos masculinos, e por isto é um palavrão da mesma categoria de "Fuck" e "Cunt", e pela lei inglesa de Propaganda Indecente de 1889, uma informação com uma palavra assim não poderia sequer ser exposta em ambientes comerciais, como as lojas da Virgin, que estavam decoradas com as capas do disco. Para a defesa de seu novo produto, Richard Branson contratou um tradicional escritório de advocacia para defender seus interesses.

No julgamento da ação que definiria se a capa e o nome do álbum deveria ou não ser alterado, os advogados da Virgin, apresentaram uma testemunha-chave, que era o professor James Kingsley, que era diretor do departamento de Literatura inglesa da Universidade de Nottingham, além de ser um vigário anglicano e subiu ao banco de testemunhas com seu manto eclesiástico, ele afirmou que embora a palavra fosse coloquialmente um palavrão, no dia a dia os clérigos a usavam para se referir quando alguém falasse bobagens, sua opinião foi aceita, o álbum foi liberado porque o significado foi alterado de: Esqueça os escrotos, aqui estão os Sex Pistols, para: Esqueça as bobagens, aqui estão os Sex Pistols.

Para a divulgação do álbum de estreia a banda

saiu em turnê pela Europa e depois pelos estados unidos, após a última apresentação em São Francisco, em janeiro de 1978, Jhonny Rotten deixou a banda devido aos problemas de relacionamento com Malcom MacLarem e com os integrantes do grupo, os Sex Pistols continuaram a se apresentar com Sid Vicious nos vocais e lançaram um álbum duplo e um filme que se chamava: A Grande Trapaça do *rock'n'roll*, (*The Great Rock'n'Roll Swindle*), mesmo antes da morte de Sid, a banda havia acabado.

Em 1996 os integrantes originais com Glem no baixo se reuniram e chamaram Malcom para empresariá-los novamente, eles saíram em tourné mundial que foi chamada de "Lucro Sujo" (*Filthy Lucre*). Em fevereiro de 2006, a formação original dos Pistols e Sid Vicious receberam a indicação para o Hall da Fama do Rock and Roll, mas os integrantes originais se recusaram a comparecer a cerimônia e Sid Vicious não teve quem o representasse na cerimônia.

Origens do punk no Brasil

O livro Estado e economia no Brasil. Opções de desenvolvimento, de Sonia Mendonça, relata que a crise do petróleo no início dos anos 70, desacreditou a sociedade brasileira em relação ao milagre econômico e elegeu candidatos do MDB, partido de oposição à ARENA, que representava o governo, em reposta a sociedade, os militares iniciaram um projeto de recondução do Brasil à um regime democrático, que teve ações relevantes no mandato de João Figueiredo, que aprovou a anistia aos exilados políticos, permitiu o surgimento de diversos partidos políticos, convocou eleições diretas para governadores em 1982, e entregou o governo a José Sarney, em 1985, primeiro presidente civil após os 20 anos de ditadura.

Neste mesmo período ocorreu a primeira versão do Rock in Rio, festival de música que trouxe ao Brasil ícones mundiais como *Ozzy Osbourne*, *Iron Maiden* e *ACDC*, até então, nenhum festival havia atraído tantos jovens que se reuniram em um mesmo local para curtir a energia do rock and roll. O evento quebrou paradigmas da indústria musical brasileira, que até então só apostava nos nomes consagrados da MPB, como Caetano Veloso, Gilberto Gil e Chico Buarque, ou então no POP romântico do Roupas Nova, 14 Bis e Rádio Taxi.

O país vivia um momento de liberdade, o final da censura possibilitou que trabalhos artísticos que antes eram censurados, passassem a ser exibidos nas televisões e rádios de todo o Brasil. Neste embalo, a cultura punk teve seu ponto mais alto nas mídias brasileiras, Os grupos musicais

de todo o país passaram a liderar as execuções diárias das rádios. A 97 FM, emissora de Santo André, pioneira do estilo rádio rock, colocava em sua programação, bandas como o Camisa de Vênus da Bahia, o Legião Urbana e a plebe Rude de Brasília, os Replicantes do Rio Grande do Sul, além de abrir espaço para a cultura local representada pelos Garotos Podres e Cólera. Em São Paulo a 89FM, rádio que iniciou suas atividades em 1985, possuía a mesma postura da 97 FM, além destas emissoras, havia a Brasil 2000, e a Transamérica, que embora tivesse uma postura mais POP, também abriu espaço para o rock brasileiro.

Na mídia impressa, a Editora Abril lançou em 1985 a revista Bizz, que trazia informações sobre música e comportamento jovem, em um âmbito de vanguarda surgiu a Editora Circo com publicações como a revista Chiclete com Banana e Circo, que traziam inovações visuais, temáticas e conteúdos que até então não eram publicados pelas grandes editoras.

Em entrevista para o Blog ABC Rock, a banda Garotos Podres informou que havia um sentimento de liberdade extrapolada, as autoridades procuravam liberar todas as formas de expressão, para mostrar que a repressão havia passado, esta fase prosseguiu até o ano de 1989, quando finalmente elegemos o primeiro presidente de forma direta, o eleito foi o Alagoano Fernando Collor.

Para Bivar (2001), o punk paulista é uma adequação do modelo inglês e Americano as realidades locais, o movimento surgiu numa época de crise, desemprego e desesperança em relação ao futuro, ao redor do mundo o movimento ajustou-se aos contextos locais, tornando-se global, a idade dos punks estava entre 18 a 26 anos, eram trabalhadores mal remunerados e buscam melhores condições de vida e reconhecimento social.

O punk reflete a vida como ela é, nos apartamentos desconfortáveis dos bairros pobres, e não o mundo de fantasia e alienação que é o que a maioria dos artistas criam. É verdade que o punk destruirá, mas não será uma destruição irracional. O que o punk destruir será depois reerguido com honestidade. (BIVAR, 2001, p.59).

O livro *Movimento Punk na Cidade*, descreve a experiência de Janice Caiafa (1985) com um grupo punk do subúrbio do Rio de Janeiro, que frequentavam o Meier e a Cinelândia, o relato registra a segunda fase do movimento que iniciou-se por volta de 1981. A mudança de estilos das primeiras bandas punks, resultou no *New Wave* e no *Pós-Punk*, o que desapontou os punks. *New Wave* são as bandas que tinham uma composição simples, com uma temática de diversão e adotavam um visual semelhante ao punk,

porém com cabelos bem cortados e roupas coloridas, que podem ser representadas pelos The B 52's, Devo e Duran Duran, o Pós-Punk são os grupos que criavam baseados no pessimismo, no descontentamento social e sobre o amor, são desta fase as bandas Joy Division, *Eco And the bunnymen* e *The Cure*.

O hardcore e o Oi, eram a evolução do punk-rock, o lema: Punk is not dead, foi o título do primeiro álbum dos Exploited e da revista punk editada pelo escritor Gary Bushell. As bandas brasileiras sofreram forte influência desta nova fase, que pode ser representada por bandas como: Olho Seco, Lixomania e Cólera.

Para Caiafa (1985), No Rio de Janeiro, o punk surgiu em 1982, com o ressurgimento do rock carioca, as casas de espetáculos abriam espaço em sua agenda para apresentações do gênero, os jovens punks do Rio eram rebeldes e moravam no subúrbio, usavam jaquetas de couro preto, adereços militares, alfinetes, braceletes com pregos e a suástica. Eles contrastavam com os jovens que frequentavam o beira mar e com a visão poética da cidade, devido ao visual agressivo e urbano.

Eles se reuniam no bairro da Lapa, local em que a diversidade da cidade convive em harmonia com respeito e dividem o mesmo espaço sem confrontos por território. Os grupos punks são formados por jovens de 15 a 22 anos, que se agrupavam na cidade e na lapa dividiam espaço com gays, travestis, prostitutas e malandros, ou seja, com os elementos que a sociedade discrimina.

O movimento punk entrou no Rio de Janeiro através dos skatistas, que eram influenciados pelos californianos, que adotavam o hardcore, as revistas skatistas traziam informações sobre o produto, os atletas e também da cultura, entre os adeptos da tribo, haviam a troca de informações, fitas e discos das bandas punks.

O documentário "Botinada: a origem do Punk no Brasil", lançado em 2006 e produzido por Gastão Moreira, relata a história do movimento punk no Brasil através de depoimentos de personagens relevantes em suas localidades como: Fabio da banda Olho Seco e Redson do Cólera do estado de São Paulo, Wander Wildner dos Replicantes do Rio Grande do Sul, Canisso dos Raimundos de Brasília e Marcelo Nova do Camisa de Vênus da Bahia.

A difícil realidade brasileira nos anos 80, foi o motivo que impulsionou os jovens ao movimento punk, no sudeste o movimento atingiu em sua maioria jovens da periferia e do subúrbio da grande São Paulo, nos demais estados o movimento concentrou-se nas capitais de Porto Alegre, Salvador e Brasília, que teve também a aderência de jovens da classe média.

Há uma divergência entre São Paulo e Brasília

sobre qual foi primeira cidade a aderir ao movimento, Camisso dos Raimundos e Paulo Marchetti, jornalista que publicou o livro: Diário da turma. A história do rock de Brasília, defendem que o movimento começou no Distrito federal por causa do registro do primeiro LP do Ramones na cidade em 1976. Os representantes paulista afirmam que as condições da cidade eram mais favoráveis para o surgimento de um movimento como o punk, devido as desigualdades da metrópole, que são semelhantes as de Londres do final dos anos 70, além de acreditarem que o grupo de Brasília eram na verdade rebeldes sem causa.

Para Neto (2003), os primeiros punks apareceram em londrina por volta de 1984, influenciados pelo movimento paulista, eles não tinham conscientização política e agrediam com o visual e com as atitudes. No início dos anos 90, a MTV Brasil e as lojas de discos alternativas foram as responsáveis pela divulgação da cultura e da aproximação dos punks para que ocorresse a troca de informação. Enquanto os jovens do início dos anos 80 se reuniam para beber, jogar conversa foram e curtir o punk-rock, os rebeldes do início do século XXI, se reúnem para discutir política e se organizarem para apoiarem causas em manifestações publicas, ou então criar ONGS, com objetivos de trabalhar a educação libertária com cursos sobre política e alfabetização para adultos, o visual permanece, mas o mais importante é consciência.

Segundo Botinada (2006), em São Paulo, no final dos anos 70 Kid Vinil tinha um programa na Rádio Excelsior chamado Rock Sanduíche, no qual ele executava bandas Punks e New Wave, seu horário teve muito sucesso entre os jovens que gravavam fitas K7 com as transmissões, para depois troca-las com seus amigos, ou então, para tocar nos bailes.

Em Salvador, Marcelo Nova era locutor da Rádio Aratu FM, e assim como Kid Vinil, ele divulgava as novidades do punk que ocorriam pelo mundo e Brasil, para ele, Salvador é uma cidade provinciana, no qual a censura e as criticas vinham dos familiares dos proprietários das emissoras, ele exemplifica com um caso no qual a esposa de um dos diretores da Rádio, pediu que ele tocasse *My Way* com Frank Sinatra ao invés da versão com Sid Vicious.

As revistas Pop e Som Três eram as principais fontes de informação sobre música e comportamento para os jovens no final dos anos 70 e início dos 80, e mesmo assim estes veículos confundiram o significado do punk ao rotular a Banda Made In Brasil e o Joelho de Porco como representantes do *Punk Rock* nacional. Fabio do Olho Seco possuía uma loja de discos raros na galeria do rock chamada *Punk-Rock*, a loja tornou-se um ponto de encontro para jovens punks, e contribuiu para o surgimento de bandas

como Cólera, Inocentes e Ratos de Porão.

Fabio produziu a coletânea Grito Suburbano em 1982, primeiro registro das bandas Paulista e do Brasil. Foi uma iniciativa independente com a contribuição financeira de todos os envolvidos. Ataque Sonoro de 1985, é o segundo registro e foi idealizado por Redson da banda Coléra, conhecido por seu ativismo social e pacífico.

Na capital paulista a galeria do rock no Largo do Paissandu era o ponto de encontro de jovens de diversos pontos da cidade. A Vila Carolina localizada na zona norte destaca-se por causa de bandas influentes do início do movimento como: Condutores de Cadaver e Inocentes, bairro fica próximo a Freguesia do Ó, que talvez por este motivo ficou eternizada na música de Gilberto Gil, Punk da Periferia. Os punks da capital eram conhecidos como os da City, eles acreditavam nos ideais do movimento e eram politizados.

Os punks do ABC paulista eram mais politizados que os da capital, devido ao ambiente em que viviam e a aproximação com os movimentos sindicais, eram filhos de operários e trabalhavam nas grandes indústrias, muitos estudavam em colégios públicos e no Senai, os jovens do ABC diziam-se verdadeiros punks porque eram mais pobres e andavam de trem, enquanto os da capital utilizavam metrô.

Para Mao dos Garotos Podres, a rivalidade gerou conflitos violentos e arruaças, que marginalizou e marcou negativamente o movimento, além de limitar a expansão filosófica e artística desta cultura. A filosofia punk possui valores como destruição, agressividade e luta, que foram mal compreendidos, Segundo Craig O'Hara (2005) a agressividade era a forma de expressar o descontentamento, e não agredir fisicamente as pessoas, Ariel, punk de São Paulo complementa o raciocínio com a interpretação de que a destruição é uma metáfora que significa reconstruir com justiça e igualdade.

Para Caiafa (1985) os estilos musicais da segunda fase do movimento, reuniu punks, skinheads e a juventude sem futuro. Para Bivar (2001), esta união ressaltou a imagem violenta, que deveria ser simbólica e não real, o punk é agressivo na forma de agir e vestir, a sua dança representa a fúria, porém ela é gestual e não uma briga em propriamente.

Punks não procuram confrontos com outros grupos urbanos ou etnias, já os carecas possuem um histórico de agressão aos negros, nordestinos e homossexuais, talvez por influência destes grupos, as brigas tornaram-se frequentes, e também eram uma forma dos jovens extravasarem suas energias e até mesmo uma diversão, para Bivar, no fundos todos eram jovens de boa índole.

Alguns são mais esquentados, mas a maioria quase absoluta é de ótima índole. No fundo são todos de família. Mas o mais importante é que eles querem fazer alguma coisa pelos injustiçados. (BIVAR, 2001, p.110).

A frase do publicitário inglês David Ogilvy: “Comunicação, não é o que você diz, é o que o outro entende”, pode ser aplicada ao movimento punk, em relação ao uso da suástica. Segundo Caiafa, Wattie, vocalista do *Exploited*, usava um moicano vermelho e uma camiseta com a suástica, *Exploited* foi a banda revigorou o movimento em 1982 com seu primeiro álbum, eles possuem a fama de fascistas devido a influência o estilo Oi em seu trabalho, e porque a banda era adorada tanto por punks como por *skinheads*.

Em 2012 em entrevista ao programa estúdio Som Livre, o vocalista Wattie, disse que era *skinhead* quando jovem e que sua ligação com o grupo era por causa da música, ele também complementa que na Escócia, seu país, o fascismo não existia e que punks e *skinheads* conviviam pacificamente. Para ele a fama de sua banda é pela ignorância das pessoas que não sabem distinguir que entre a sua música e a produzida pelos fascistas, a única semelhança é o tipo de som, ele complementa que fez um show com o músico Ice T, que é negro, americano e tinha uma banda de hardcore, se ele fosse racista como dizem, não dividiria o palco com ele.

Segundo Oliveira (2006), o uso da marca do nazismo objetiva chocar e alertar para que ela seja lembrada para que a humanidade não cometa os mesmos erros, é uma marca de grande rejeição, porém seus ideais estão vivos na filosofia de grupos extremistas e nacionalistas, contraditoriamente o punk criou um novo significado, para eles o nazismo é tudo o que a sociedade não quer e deseja destruir, para eles, o mesmo se emprega ao sistema opressor que também precisa ser reconstruído. Segundo Caiafa (1985), o uso do símbolo nazista é feito com a palavra destrói, ou então com sinais gráficos que significam a sua destruição.

O pior de tudo é que tem gente que usa a suástica porque acha bonito, ou porque acha que o punk tem algo a ver com isso. Se o punk pregasse o nazismo eu nunca seria punk, pois não faço parte daquela racinha pura mais inteligente que as outras. (OLIVEIRA, 2006, p.60)

O uso é controverso e polêmico, a forma como eles descrevem a utilização altera o significado do símbolo nazista, é até coerente, talvez a ambiguidade desta utilização seja resultado da relação entre punks e *skinheads*, que no início dos anos 80 era confusa, para quem estava fora do

meio, poderia parecer que ambos eram punks, e dentro do movimento os grupos semelhantes seriam uma dissidência. O fanzine SP Punk repudiou o uso da suástica e sugeriu que este não era um símbolo punk e que outro deveria ser escolhido. (OLIVEIRA, 2006, p.47.)”

Aceitem ou não, outra forma de propagação dessa violência foi a utilização por alguns punks brasileiros da suástica. Adotar, uma simbologia como essa é, conscientemente ou não, fazer propaganda do nazismo. (OLIVEIRA, 2006, p.60)

A utilização da suástica, como um elemento gráfico contrário ao seu significado, não é uma linguagem original do movimento punk, de acordo com Hollis (2001), após a primeira guerra mundial, com a emergência do fascismo na Europa, artistas gráficos, desenvolveram trabalhos para entidades contrárias ao nazismo, nas quais a marca aparecia sendo oprimida por uma força maior, como o sapato de um camponês no pôster de Roca Catala de 1923, ou no logotipo dos Sociais democratas, de 1930, no qual três setas reprimem a suástica.

Para O’Hara (2005), a cultura *skinhead* iniciou-se nos anos 60 com jovens ingleses operários e imigrantes jamaicanos, o som apreciado era o ska e o reggae, era um movimento conciliatório e de união de raças, a partir dos anos 70 o grupo dividiu-se em quatro tipos, que são: os tradicionais que não são racistas, os de esquerda e anarquistas, os de direita e os neonazistas, que são ligados ao *Nation Front* partido extremista e racista que defende o poder branco, por achar os negros e as outras raças inferiores. O extremismo são proveniente dos grupos de direita e neonazista.

Para Bivar (2001), aproximação entre punks e *skinheads* resultou na mistura das culturas e ampliou a diversidade cultural e filosófica para os dois movimentos, para a sociedade isto se refletiu negativamente para o movimento punk que estava em maior evidência. É importante ressaltar que nos anos 80 a cultura punk estava em formação, o discurso atual exime dos punks o rótulo de violência, porém na época em que os valores estavam em construção talvez não houvesse esta consciência, e por isto não havia como avaliar o que a união entre punks e carecas representaria. Em relação ao uso da suástica, houve quem a utilizasse como um alerta para destruí-la, mas também teve o uso por afinidade ao nazismo e também simplesmente por achar o marca bonita e querer chocar sem ao certo saber as consequências desta atitude.

Segundo Neto (2006), outro símbolo utilizado para confrontar a sociedade é o da anarquia, mas ela não é empregada pelos punks no seu modo de vida, e assim

não exercitam qualquer ordem desta ideologia, portanto seria mais correto afirmar que eles são pró-anarquistas. Os punks fizeram uso de dois símbolos importantes para a sociedade que foram o da anarquia e a suástica, talvez a apropriação tenha sido mais pelo visual do que pelo significado, neste ponto, os hippies foram mais felizes, pois adotaram o símbolo da paz que não deixava margem para discussão. Segundo o filme *Botinada*, o evento *Começo do fim do mundo* foi criado com o objetivo de unificar os punks de São Paulo, e ABC, o festival ocorreu no Sesc Pompéia com a participação de bandas influentes, o encontro terminou em confusão, João Gordo relata, que o programa *Fantástico* fez uma reportagem, tendenciosa que reforçou para toda a sociedade brasileira que o punk era um grande perigo para os jovens.

O 1º festival Punk do Rio de Janeiro aconteceu em abril de 1983 com o título “Noites Cariocas” e contou com bandas de São Paulo. Durante esse show que foi realizado no Circo Voador e na PUC o refrão gritado em uníssono, foi “Pau no cu da Globo”. Ninguém deixou a Globo filmar. (OLIVEIRA, 2006, p.38.)

A repercussão da reportagem fez com que os punks fossem discriminados pela sociedade e considerados marginais, com isto, muitos jovens perderam seus empregos. Fabio da Loja Punk-Rock, relata que foi feito um abaixo assinado para que ele abandonasse o local, e por isto ele teve que mudar seu negócio de endereço. A polícia ganhou o aval da sociedade para abordar qualquer um que aparentasse ser punk.

Segundo *Botinada* (2006), mesmo com todas as polêmicas e contradições, o movimento punk brasileiro abriu as portas para uma vasta geração de artistas de diversos setores, porque ousou e experimentou novas linguagens e maneiras de produzir, música, revistas, moda e corte de cabelos, em 1985 a música brasileira foi invadida por uma nova geração de artistas talentosos altamente influências pelo punk.

A verdade é que toda esta Nova Onda que aí está, ela não teria acontecido se o punk não houvesse aparecido para derrubar os padrões antigos e abrir ao novo. (BIVAR, 2001, p.82.)

Para Bivar (2001), os meios digitais facilitaram e expandiram o lema: Faça você mesmo, para outros públicos, porque qualquer pessoa pode publicar algo independentemente. Nos anos 80 as bandas punks não eram independentes como pareciam, um selo alternativo, precisava de uma gravadora para a logística de distribuição.

As ferramentas digitais atuais possibilitam que o trabalho de um músico seja distribuído por portais como o MySpace, ou então no Site ou Blog da própria banda em formato MP3.

A diversidade do punk hoje, envolve também as classes sociais, o movimento não é exclusivo das classes menos favorecidas, jovens de todas as classes que possuem o mesmo sentimento de rebeldia em relação a sociedade se expressam por este meio, isto contribui para a riqueza cultural do estilo.

O diálogo entre os punks é o principal elemento integrador, é através dele que há a afinidade e a identificação daqueles integrantes que pensam diferente dos demais e encontram semelhantes que pactuam ideias similares. O descontentamento já existe, o punk é a forma de expressar uma visão de mundo, viver o movimento altera os paradigmas pessoais, patriotas deixam de ser, machistas passam a tratar a mulher em igualdade e os preconceituosos se esforçam superar este sentimento. Segundo Oliveira, nos anos 80 a banda Olho Seco foi convidada a participar de uma coletânea inglesa, e foi sugerido que a gravação fosse em inglês, Fabio, o cantor, condicionou a participação da banda, desde que fosse em português. Bivar ressalta que para a geração atual isto não faz mais importância, e que há uma predileção para que as gravações sejam em inglês para que o protesto seja universal e atinja um maior número de pessoas possíveis, é por isto que os nomes das bandas são em inglês, como: Dead Fish, Blind Pigs e Dance of Days.

A irreverência punk que afrontou símbolos das forças armadas, inspirou a moda, atualmente é comum peças de roupas com motivos camuflados e calçados que lembram coturnos. Marcas como a Orient Relógios e Vitorinox desenvolvem coleções com estilo militar, além do Jippe Hummer da GM, que inicialmente era um veículo de guerra e foi adequado para uso popular, mas isto não significa que a moda e a indústria desenvolvam produtos assim por influência direta do movimento punk, com o tempo as atitudes são incorporadas pela sociedades e perde-se o seu referencial.

Considerações Finais

Até o surgimento do punk nos anos 70, a sociedade estava acomodada com padrões estabelecidos que ditavam o que era bom para a música, para a moda e para o design gráfico. A sofisticação e o conhecimento técnico era requisitos básicos para que desejasse expressar-se artisticamente, ou então editar uma publicação para um público específico. Contrariando este paradigma, o punk

surgiu com o propósito: Faça você mesmo. Que aplicado as artes de uma maneira geral, significa que é mais importante ter iniciativa, atitude e saber o que deseja comunicar, do que a capacidade técnica.

O estilo irreverente do punk afrontou símbolos do poder, como o uniforme das forças armadas, que tinham o seu uso restrito aos soldados e oficiais, como uma forma de subversão, pois ao apropriar-se do fardamento, era uma maneira de controlar o poder estabelecido. A suástica também foi utilizada como uma afronta a sociedade, que não entendeu a mensagem, porque ela não era clara o suficiente, e acabou por associar os punks com os Neonazistas. O símbolo da anarquia, além de ser usada visualmente, foi tema de músicas de bandas como Sex Pistols e Garotos Podres, mas isto não significa que todos os punks seja anarquistas, a ideologia anarquista foi adotada pelos punks, devido aos seus valores de igualdade e respeito ao ser humano, a natureza e aos animais.

O estilo abriu as portas da sociedade para uma geração contestadora, que deixou seu legado para as gerações futuras, com o tempo os elementos culturais que evidenciavam o estilo, agregou-se a cultura, e com isto perdeu-se o referencial, atualmente, um corte de cabelo moicano é apenas uma irreverência, nos anos 80, era uma rebeldia, pois simbolizava o espírito agressivo, associado as roupas e a postura radical

Referências

BIVAR, Antonio. **O que é punk**, 5ª Edição - São Paulo. Editora: Brasiliense, 2001.

BOTINADA: a origem do Punk no Brasil; Direção: Gastão Moreira. São Paulo: ST2 vídeo, 2006 (110 min), son, color.

CAIFA. Janice. **Movimento punk na cidade** - A invasão dos bandos sub - Rio de Janeiro. editora: Jorge Zahar Editor, 1985.

HOLLIS. Richard; **História Concisa do Design** - editora: Martins Fontes: São Paulo. 2010. 2ª edição.

O'HARA. Craig; **A filosofia Punk**. Mais do que barulho. editora: Radical Livros; tradução: Paulo Gonçalves; São Paulo; 2005.

OLIVEIRA, Antônio Carlos de. **Os fanzines contam uma história sobre punks**. Rio de Janeiro: editor: Achiamé, 2006.

PARKER, Alan G. **Crescendo com os Sex Pistols: precisa-se de sangue novo** / Alan G. Parker, Mick O' Shea;

(Tradução: Neusa Paranhos) - editora: Madras Editora Ltda. São Paulo 2012.

PADRÓS. Enrique Serra - GASPAROTTO. Alessandra. **Gente de menos - nos caminhos e descaminhos da abertura no Brasil (1974-1985). Ditadura de Segurança Nacional no Rio Grande do Sul (1964-1985) : história e memória.** /organizadores Enrique Serra Padrós, Vânia M. Barbosa, Vanessa Albertinence Lopez, Ananda Simões Fernandes. - Porto Alegre : Corag, 2009. - v. 4 ; 262 p. : il.

TURRA Neto, Nécio, **Enterrado Vivo**: Identidade punk e território em Londrina. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

Entrevista Exploited no studio Som Livre. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=OeKn42GWYO4>
Acesso em: 27/jan/2014

100 years of rock. Disponível em: <http://www.concerthotels.com/100-years-of-rock#.UowN8uWg3SA>.
facebook Acesso em 19/mar/2014